

6-2002

Ruptura na missão de sempre

Álvaro Miranda Santos

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Santos, Á. M. (2002). Ruptura na missão de sempre. *Missão Espiritana*, 1 (1). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol1/iss1/4>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

ruptura na missão de sempre

A reflexão que se segue dá conta do itinerário da revista «Portugal em África» editada pela Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo e que é exemplo de um investimento muito específico na área da cultura, sobretudo da cultura missionária. Alvaro Miranda Santos, o autor do artigo, foi chefe de redacção da referida revista.

«Portugal em África» nasceu em Janeiro de 1894 e foi interrompida pela revolução de 1910. Era seu objectivo declarado “manter o público ao corrente dos nossos trabalhos missionários, publicando ao mesmo tempo artigos científicos sobre várias questões de interesse para as missões”. Em 1910, com a implantação da República e a perseguição às Ordens e Congregações religiosas, a revista deixou de ter condições para continuar a sua gesta.

Em 1944, depois da longa travessia do deserto em que as Congregações Missionárias tinham sido silenciadas, o Governo acabou por reconhecer a necessidade dessas Congregações e o papel que elas poderiam desempenhar na renovação da vocação missionária de Portugal e na recuperação do prestígio do antigo Império Ultramarino. Foi assim que foi firmada a Concordata e o Acordo Missionário de 1940 e será assim que um grupo de espiritanos, resolve relançar a «Portugal em África», 50 anos depois do aparecimento do primeiro número da primeira série.

A revista extinguiu-se em 1973, quando os ventos políticos da época tornavam cada vez mais difícil manter a identidade da revista e cada vez menos oportuno o título com que se apresentava.

De qualquer maneira é indiscutível que a revista prestou um enorme serviço à cultura missionária, como expressão da história e da problemática das missões, como reflexão sobre a

* Licenciado em Teologia (Salamanca), licenciado em Letras – Ciências Histórico-Filosóficas – (Coimbra), frequentou o Instituto de Psicologia da Sorbonne e Escola de Psicólogos práticos do Instituto Católico de Paris. Professor de Psicologia na Universidade de Coimbra. Foi chefe de Redacção da revista Portugal em África. Entre as obras que publicou, distinguem-se: Diagonais da Aculturação, Expressividade e Personalidade, Aculturação, Mitificação da Cor, etc..

teologia missionária e sobre as ciências e a história das missões. Num primeiro tempo, sendo redactor o P. António Brásio, “Portugal em África” investirá sobretudo no espaço da História, num segundo momento, sob a responsabilidade do P. Álvaro Miranda Santos, serão as ciências humanas, como a psicologia e a sociologia que serão privilegiadas; finalmente na sua terceira fase, a fase da renovação conciliar, sendo redactor o P. Adélio Torres Neiva, será a teologia da missão que levará a prioridade.

A temática é extremamente variada. São múltiplos os estudos de Teologia Missionária, Espiritualidade Espiritana, História das Missões, Problemas de Missionação e Ciências da Missão, como etnografia, linguística, liturgia, medicina, literatura, antropologia, além das secções habituais, como: documentação, seara alheia, panorama missionário, bibliografia, etc.

A Missão Espiritana coloca-nos perante um facto histórico e transhistórico, simultaneamente. Com efeito, não nos encontramos frente a um fenómeno de rectilidade nem, muito menos, de circularidade. Se de rectilidade se tratasse, o que poderia acontecer, o que acontece com exagerada frequência nos tempos que correm, consiste em dizer mal do que antecedeu, como se o que os humanos criaram, com as possibilidades e nas limitações circunstanciais próprias, nada mais fosse do que incorrecções. Há mesmo quem aponte erros. Tais críticas significam o quê? Tentativa de negarem aquilo que devem? Ausência de criatividade própria em termos de alternativa?

Se de circularidade se tratasse, o que poderia acontecer, e por vezes acontece, consiste numa insistência, tantas vezes exagerada e inconsequente, em manter a todo o custo o tradicional, particularmente as tradições, tantas vezes prejudicando a riqueza inovadora da tradição. É como se o tradicional, simplesmente porque já foi comprovado, permaneceria válido só por esse facto. Seria como se os humanos nada mais pudessem criar ou, ao menos, inovar apesar das limitações, reais ou aparentes, apenas no intuito de manter o “statu quo” anterior.

Quer a circularidade, quer a rectilidade constituem perspectivas que, enquanto tais, negam a característica exclusivamente humana de inovação ou acção inovadora. A rectilidade na medida em que os humanos não criam pois limitam-se a “evoluir”, comandados de fora por essa força estranha e não demonstrada que dá pelo nome de evolução. A circularidade na medida em que os humanos não inovam pois limitam-se a obedecer à repetição cega, como os astros a seguir cegamente a sua trajectória ou a sua “revolução”, voltando sempre ao ponto de partida. Em 2002 o que Missão Espiritana procura nem é rectilidade nem, muito menos circularidade, nem negação nem repetição do ou dum passado.

Simplemente: espiralidade. Como o bom “chefe de família”, o qual, segundo a parábola do Evangelho, procura tirar do seu tesouro “coisas novas e velhas”.

Comparar 2002 com 1944 ou ambos com 1894 consiste em comparar alga-

anismos e nada mais. Por outras palavras, em qualquer comparação tudo depende da referência ou do paradigma em foco. Viria a propósito perguntar o que pensarão das nossas melhores reflexões de hoje, daqui a 20 ou 30 anos, outros que serão diferentes?

No que à Missão Espiritana diz respeito, se escolhermos como paradigma ou referência a actuação dos homens que a expressaram, vivendo e actuando por ela e para ela, encontravam-se plenamente integrados nas circunstâncias espacio-temporais e socio-culturais que aconteciam e que, por seu lado, eles igualmente re-criavam. Era o paradigma humano próprio desses homens que se expressavam em termos de missão espiritana.

No entanto, se apontássemos para o paradigma evangélico que antes de tudo os norteava, esses homens, graças à Boa-Nova que anunciavam, ao Evangelho que proclamavam, orientavam-se para mais alto e mais além do simplesmente socio-cultural e espacio-temporal. Deste modo se pode compreender a expressão que se encontra na “Advertência preliminar: “Se a nova publicação se apresenta com o nome de «Portugal em África» é porque, embora a existência do nosso país não dependa essencialmente do nosso domínio colonial, a ressurreição de uma parte das suas grandezas e glórias só é possível pela criação de um novo império lusitano, no continente negro”¹.

Homens integrados no espaço-tempo dos anos da disputa socio-económica, em relação aos espaços africano e asiático, a partir das carências em matéria prima, provocadas pela “revolução industrial” e respectivas competições comerciais, os anos, exemplarmente, do “mapa cor de rosa”, do “ultimatum”. Anos em que o Cm.te Henrique de Carvalho, também escrevia, na introdução a *Ethnographia e História tradicional dos Povos da Lunda*: “Não estão resolvidos ainda todos os problemas que respeitam às raças de África intertropical; mas também... (há que) reconhecer quanto urge dar todo o impulso e toda a protecção a quaisquer estudos e investigações desta natureza, para que as nações estrangeiras que deles se estão ocupando se não julguem os únicos nesta missão, não continuem a apresentar-nos como incompetentes para esta ordem de trabalhos”².

Na sequência da mesma “Advertência preliminar”, de Portugal em África³ encontramos logo a seguir o aspecto supra-temporal e supra espacial. O circunstancialismo, esboçado antes, não vai impedir, antes pelo contrário, que esses homens escrevessem: “declaramos que a nossa revista é científica». Tomada esta palavra numa amplíssima significação, «está indigitada a larga esfera da nossa actividade». Por isso, facilmente se compreende que se declare serem bem-vindas a maior parte das «ciencias abstractas ou concretas, theóricas ou práticas, físicas ou morais»⁴ sendo enumerados os mais diversos temas: 15 ao todo.

Por aqui se adivinha o nível da orientação procurado pela revista, mesmo num plano estritamente humano, em termos de actividade criadora, aquém ou além dos interesses de domínio político, económico ou comercial.

¹ Portugal em África, Janeiro-1894,1.

² *Ethnographia e História tradicional dos Povos da Lunda* (1890,VIII).

³ Portugal em África, Jan.1894,2

⁴ *Ibidem* 1894,1,1.

No entanto, não fica por aí o objectivo dos responsáveis pela Revista, logo desde o seu início. A prova encontra-se no que aparece claramente expresso, a um outro nível, humano-divino ou divino-humano, nas seguintes afirmações, a revelar objectivos claros: «apresentamos... as seguintes indispensáveis declarações: «1ª - a nossa revista será eminentemente prática» e, por isso, «2ª - defenderá com entusiasmo e energia as missões religiosas», adentro duma perspectiva «3ª - franca e orthodoxamente cathólica»⁵. «Todos os nossos esforços, imediatamente subordinados aos interesses da nossa pátria, estão superiormente encaminhados aos inexcedíveis ideais do Christianismo, a religião da humanidade». Talvez valha a pena continuar a transcrição, apesar da possível ambiguidade, facilmente superável se nos colocarmos no amanhã: «A philosophia social verdadeira, a que não sai da phantasia mas da história faz-nos que todos os progressos modernos, científicos e materiaes, progressos realmente grandes e que abraçamos em nome da razão e da própria fé, acham-se providencialmente destinados a facilitar a larga difusão e a frutificação intensa dos divinos princípios do Evangelho»⁶. Dito de outro modo: tudo se torna facilmente compreensível se tivermos presente que a Mensagem de Cristo, Boa-Nova, se dirige a todos os homens, duma forma particular e quase exclusiva, simplesmente porque se orienta pelo serviço a prestar ao homem todo, na sua singularidade e na sua reciprocidade.

Entenda-se: a Mensagem.

Em 1944, o ambiente do pós-guerra mundial (2ª), o envolvimento dos outros continentes no conflito europeu, «as dificuldades derivadas da anormal situação do mundo em guerra, e especialmente da Europa»⁷ por virtude da tal partilha (Conferência de Berlim – 1884-5) o valor que foi atribuído a outros povos e reconhecido por eles nessa luta, o movimento existencialista, a união entre os intelectuais negros, principalmente de África ao qual foi dado o nome de Negritude, todas estas circunstâncias favoreceram a passagem duma fase de descoberta de terras desconhecidas, (sécs. XV e XVI) para a descoberta de povos que viviam nessas terras, (sécs. XVII e XVIII) para desembocar, finalmente, na descoberta de povos que queriam viver a sua própria autonomia, em base de «identidade» territorial, apesar das nítidas diferenças, em termos culturais.⁸

A Missão espirítana, sempre atenta aos «sinais dos tempos», desenvolveu uma reflexão em busca de novos caminhos de evangelização, em fidelidade, simultaneamente à continuidade dos seus objectivos fundamentais e às particularidades circunstanciais dos mesmos, evidenciando a força e o desenvolvimento da nova forma de presença da Congregação do Espírito Santo em Portugal. Sempre com o mesmo objectivo: servir os humanos, comunicando a Boa-Nova de Cristo, no caminho da vivência eclesial.

Assim é apresentada a nova série: «Faz 50 anos neste mês de Janeiro de 1944 que pela primeira vez apareceu em Lisboa, publicada sob a direcção dos Missionários do Espírito Santo, a revista que reaparece agora à luz da publicida-

⁵ Ibidem 1894, 1,2.

⁶ Ibid 1894, 1,2.

⁷ Portugal em África, 2ª série, 1944, Specimen,2.

⁸ Ibidem 1962.

de, sob o nome de «Portugal em África» Damos-lhe como sub-título – Revista de Cultura Missionária – o que pode parecer (e, em teoria, é-o até certo ponto) uma redução do subtítulo com que se apresentava a 1ª série: Revista científica⁹.

De diversos modos é realçada a colonização científica, o conhecimento dos solos e, particularmente dos homens que o habitam. Continuarão a ter «entra-da estudos de qualquer problema, directa ou indirectamente missiológico» ao lado de todos os «outros ramos do saber humano e, talvez ainda mais que todos, a Etnologia, tal e tão íntima é a relação que têm todas essas ciências com o desenvolvimento e o progresso da Obra missionária» em qualquer parte da terra que a mesma aconteça. (Specimen,2). Novos e diversos trabalhos vêem a luz do dia, em aumento crescente de qualidade e em quantidade. Alguns missionários constituem-se em verdadeiras autoridades, reconhecidas dentro e fora do País, em temas de Antropologia cultural assim como de Etnografia. Dessas reflexões decorreram algumas iniciativas originais, no sentido da inserção adequada e promoção da mensagem cristã. Houve mesmo uma pequena reformulação dos objectivos iniciais, particularmente no que ao 3º diz respeito, «universalmente humana e fundamentalmente missionária»¹⁰

Assim se compreende que uma tal reaparição de «Portugal em África» seja saudada por «El siglo de las Misiones» (Maio,1944), a partir dos trabalhos já publicados, em termos elogiosos, fazendo «augurar uma revista de alta cultura missionária, a promover a formação da consciência missionária em Portugal». Noutro tom e, talvez, mais significativo, encontramos no «Bol. Mensal das Missões Franciscanas e Ordem Terceira (Maio,1944): «Revista de gloriosas tradições, nos velhos tempos dos princípios deste século, promete continuar a sacudir a consciência missionária dos portugueses... a qual se não dorme, às vezes parece dormir».

Retomando o início destas breves reflexões, seria de perguntar: circularidade? Só em parte. Rectilineidade? Igualmente, só em parte. Encontramo-nos claramente perante manifestas demonstrações de inovação, por renovação e, mesmo, por originalidade. Encontram-se não menos manifestas demonstrações de fidelidade, renovadora e criativa.

Uma espiral.

Mais significativa que «a escada de Jacob», que leva a pensar em verticalidade, esquecendo a horizontalidade do serviço a prestar aos humanos, na comunidade.

Mais significativa, igualmente, que o «enterrar dos mortos», esquecendo os vivos a quem somos chamados a dar atenção atenciosa e merecida, na medida em que esperam algo de nós.

Espiralidade, porque se encontra sempre atenta ao concreto e ao vivido, em termos de promoção.

Espiralidade, porque não esquece o que foi adquirido e permanece válido em si mesmo e valioso para todos.

Espiralidade, ainda, porque presta homenagem às iniciativas que desenvolveram os que nos precederam, praticando uma criatividade adequada às circunstâncias espacio-temporais e socio-culturais.

⁹ Ibidem 1944, Specimen,2.

¹⁰ Portugal em África, 1944,1:9.

Espiralidade, mais ainda, porque não se deixam prender ou enlear pelo que foi feito, antes pelo contrário, com a sua criatividade em novas circunstâncias socio-culturais e espaço-temporais tentam ser dignos do testemunho que receberam aumentando-o, elevando-o e fazendo-o frutificar.

Espiralidade finalmente e em síntese, no sentido realçado por W.Whitman: «Quem chegou mais longe?» pergunta. Quero prestar homenagem, quero agradecer? Talvez. Quero repousar, quero contentar-me? Completamente longe disso, embora passável e diferenciadamente legítimo.

A razão é totalmente outra e a única correcta a poder interessar, à luz da palavra do Evangelho: «Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito».

A resposta de Whitman à pergunta que formula é a seguinte: «porque quero chegar mais longe ainda».

Aspiração legítima. O quero, apenas, é que pode suscitar reparos: Talvez melhor: para uns, chegar mais longe, porque o devo aos vindouros. Para outros, chegar mais longe, porque o merecem os antepassados. Ambos o merecem. Igualmente e diferentemente.

Em suma: é por intermédio duma perspectivação, em termos de futuro que colaboramos com os vindouros, na medida em que por intermédio duma recriação do passado honramos os que nos precederam, agindo lúcida e confiadamente no nosso presente, espaço-tempo da nossa forma própria de nos tornarmos o que fomos projectando ser.

Missão Espiritana: é missão... é envio... é ir mais além. Espiritana porque obedece ao sopro do «Espírito» que «paira sobre as águas», por vezes um pouco estagnadas em circunstancialismos meramente circunstanciais. Isto é, à espera de quem as agite, a favor dessa extraordinária beleza do serviço aos humanos, principalmente se for prestado duma forma englobante, por todas as razões históricas e específicas, muito própria da Missão Espiritana.